

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 3 Setembro - Dezembro 2023

ARTIGO

EXISTEM OCUPAÇÕES RECENTES NO INTERIOR DO AMAZONAS?: REFLEXÕES SOBRE O MODO DE VIDA EM TEFÉ/AM

Geórgia Layla Holanda de Araújo*

Anderson Márcio Amaral Lima**

Eduardo Kazuo Tamanaha***

RESUMO

Tradicionalmente, as pesquisas arqueológicas na Amazônia se voltam para as ocupações indígenas pré-coloniais, ou, quando se ocupam do período pós-colonial, se concentram nos grandes centros urbanos. O período histórico pós-colonial em cidades periféricas é, por sua vez, pouco pesquisado. Em resposta a esse panorama, implantou-se o projeto de pesquisa *Práticas arqueológicas e gestão do patrimônio cultural: arqueologia urbana na cidade de Tefé*, que visa investigar os padrões de ocupações históricas em contextos urbanos em Tefé/AM, um importante e estratégico entreposto comercial do Médio Rio Solimões e que orbitava sob a sombra das metrópoles Belém e Manaus. Os dados iniciais de pesquisa na área central e periférica de Tefé apontam para uma intensa relação sociocultural e comercial entre núcleos urbanos interioranos e os grandes centros, fornecendo os aportes necessários para melhor entender as relações sociais e comerciais entre diferentes regiões da Amazônia.

Palavras-chave: Tefé; arqueologia urbana; Amazônia.

* Pesquisadora do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e bacharela em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). Projeto de pesquisa com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Vinculada ao grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia. E-mail: archeolayla@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6799-2345>.

** Pesquisador do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural do Museu Paraense Emílio Goeldi. Vinculado ao grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia. E-mail: kawayba@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3532-899X>.

*** Pesquisador do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e doutor pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (USP). Líder do grupo de pesquisa Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia. E-mail: eduardo.tamanaha@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9400-0682>.

ARE THERE RECENT OCCUPATIONS IN THE INTERIOR OF AMAZONAS?: REFLECTIONS ON THE WAY OF LIFE IN THE CITY OF TEFÉ/AM

ABSTRACT

Traditionally, archaeological research in the Amazon focuses on pre-colonial indigenous occupations, or when dealing with the post-colonial period, they focus on large urban centers. The post-colonial historical period in peripheral cities is scarcely researched. In response to this scenario, the research project *Archaeological Practices and Cultural Heritage Management: Urban Archeology in the City of Tefé* was implemented, which aims to investigate patterns of historical occupations in urban contexts in the city of Tefé/AM, an important and strategic trading post on the Middle Solimões River that orbited under the shadow of the metropolises of Belém and Manaus. Initial research data in the central and peripheral areas of the city of Tefé point to an intense socio-cultural and commercial relationship between interior urban centers and large centers, providing the necessary contributions for a better understanding of social and commercial relations between different Amazonian regions.

Keywords: Tefé; urban archeology; Amazon.

¿EXISTEN OCUPACIONES RECIENTES EN EL INTERIOR DEL AMAZONAS? REFLEXIONES SOBRE EL MODO DE VIDA EN LA CIUDAD DE TEFÉ/AM

RESUMEN

Tradicionalmente, las investigaciones arqueológicas en la Amazonía se enfocan en ocupaciones indígenas precoloniales o se concentran en grandes centros urbanos en el período poscolonial. Son pocas las investigaciones sobre el período histórico en las ciudades periféricas. Con respecto a este escenario, se implementó el proyecto *Prácticas arqueológicas y gestión del patrimonio cultural: arqueología urbana en la ciudad de Tefé*, cuyo objetivo es investigar los padrones de ocupaciones históricas en contextos urbanos dentro de la ciudad de Tefé (Amazonas, Brasil), local estratégico del medio río Solimões que forma parte de la importante ruta comercial a las metrópolis de Manaus y Belém. Los datos iniciales de esta investigación en el área central y periférica de la ciudad de Tefé apuntan a una intensa relación sociocultural y comercial entre los núcleos urbanos interiores y los grandes centros, proporcionando las contribuciones necesarias para una mejor comprensión de las relaciones sociales y comerciales entre diferentes regiones de la Amazonía.

Palabras clave: Tefé; arqueología urbana; Amazonía.

OS DESAFIOS DE TRABALHAR COM ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NO MÉDIO SOLIMÕES

Quando pensamos em pesquisas arqueológicas na Amazônia brasileira, logo vem à mente a parafernália ritual das elaboradas cerâmicas arqueológicas das fases marajoara e tapajônica, e os trabalhos de pesquisa desenvolvidos por Betty Meggers (1954) e Anna Roosevelt (1999), duas pioneiras na arqueologia das terras baixas amazônicas. Na pesquisa arqueológica em contextos urbanos no interior da Amazônia, os poucos dados disponíveis impõem certas limitações em projetarmos, de maneira satisfatória, como ocorreram processos de interações sociais no passado, principalmente no período de transição pré-contato e pós-contato entre os povos originários e os invasores, bem como na materialidade vinda da Europa e América do Norte, inserida a partir da chegada dos primeiros “colonizadores” europeus e brasileiros, e quais as implicações para a pesquisa arqueológica e os reflexos dessas interações para a sociedade atual no interior da Amazônia.

Para tanto, este trabalho traz algumas reflexões sobre quais pesquisas são desenvolvidas na Amazônia e as redes de relações sociais estabelecidas na longa duração, contemplando ocupações pré-coloniais, coloniais e suas relações com ocupações recentes.

Buscamos formas de interligá-las no horizonte das pesquisas porque, no universo da arqueologia amazônica, pouco se conhece sobre os contextos urbanos de ocupações recentes em cidades interioranas amazônicas. É necessário implementar estudos voltados à cultura material presente nos níveis estratigráficos superiores e suas relações de continuidades e rupturas com a cultura material presente nos inferiores.

São pesquisas que têm urgência diante das dinâmicas de expansão urbana no interior da Amazônia, que, nas últimas quatro décadas, passam por processos de reconfiguração urbana e arquitetônica acentuada, sem o devido acompanhamento técnico e científico, resultando na destruição do registro arqueológico.

Em geral, as cidades e vilas no interior da Amazônia foram construídas sobre antigos palimpsestos dos períodos pré-colonial e colonial (AMARAL, 2018a). As notícias a respeito de incursões na Amazônia são do início do século XVI,¹ que apontaram as primeiras entradas exploratórias de invasores europeus na região da foz e no baixo curso do rio Amazonas, seguidas pelas entradas espanholas em sentido contrário, oriundas da região andina, cujo intuito era similar não apenas ao das expedições portuguesas, mas ao de países europeus excluídos do Tratado de Tordesilhas e que operavam de maneira clandestina, instalando feitorias e casas fortes na região estuarina daquele rio (CARVAJAL, 1894; DRUMOND, 1950; GADELHA, 2002; REIS, 1993). Ou seja, eram movimentos que visavam avaliar e implantar, naquele vasto e desconhecido território pertencente às coroas ibéricas, núcleos de colonização e exploração econômica de ouro, prata, gemas preciosas e das “drogas do sertão” (COSTA, 2017; PORRO, 1996).

Entre os anos de 1500 e 1542 se acentuaram as entradas oficiais e clandestinas de aventureiros europeus no interior da Amazônia, resultando em novas informações sobre a existência de grandes contingentes populacionais e da diversidade sociocultural dos habitantes do rio Amazonas. A mais icônica daquelas entradas foi a comandada por Francisco de Orellana, que percorreu o rio Amazonas dos Andes ao Atlântico (ACUÑA, 1941; CARVAJAL, 1894; HEMMING, 2007).

¹ Costa (2017) leva em consideração o relato do português Duarte Pacheco Pereira sobre sua navegação entre o litoral do Maranhão e o Pará, no final de 1498, apesar de subsistirem controvérsias para sinalizar que as incursões de europeus no território amazônico começam já no final do século XV (AZEVEDO, 1892).

A vasta literatura produzida por viajantes, missionários e naturalistas, entre os séculos XVI e XIX, apesar de apresentar uma visão distorcida sobre o Novo Mundo, é o viés introdutório para compreender os aspectos socioculturais das antigas populações indígenas assentadas às margens da calha principal do rio Amazonas e de seus tributários (AMARAL, 2017; BATES, 1979; MARCOY, 2006).

A ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DO MÉDIO RIO SOLIMÕES

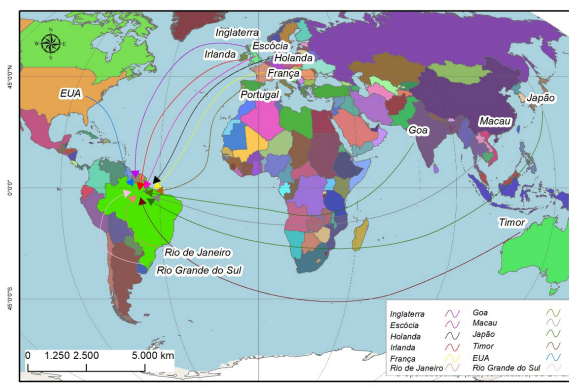
A região ocidental da Amazônia brasileira ainda é um desafio e uma incógnita para a pesquisa arqueológica, que só recentemente instalou núcleos de pesquisas permanentes em áreas antes consideradas como “vazios” arqueológicos. Um dos primeiros trabalhos não sistemáticos no Médio Rio Solimões foi realizado na região da foz do rio Tefé pelo padre Tastevin, reunindo numerosos fragmentos cerâmicos, que, segundo Métraux (NORDENSKIÖLD, 1930), apresentam semelhanças com as cerâmicas da região de Santarém, no Baixo Amazonas, e são muito úteis ao estudo da extensão e da influência provável de estilos cerâmicos na região do Médio Solimões.

Trabalhos sistemáticos na região do Médio Solimões e afluentes só foram iniciados na década de 1950 pelo arqueólogo alemão Peter Paul Hilbert, do Museu Paraense Emílio Goeldi (HILBERT, 1968, 2009), que, seguindo a tradição da pesquisa arqueológica na Amazônia brasileira, era, e ainda é, voltada para os contextos de antigos assentamentos pré-coloniais, com ênfase na identificação, escavação e coletas de vestígios cerâmicos.

Hilbert (1968) realizou escavações na região do município de Tefé. Todavia, em suas pesquisas, não se contemplou estudos voltados para os padrões de ocupações humanas recentes uma vez que a arqueologia amazônica se debruçou sobre problemáticas de teor predominantemente pré-colonial (COSTA, 2008). Esse é um paradigma persistente na arqueologia brasileira e amazônica, onde as pesquisas arqueológicas sobre períodos mais recentes (pós-1500 d.C.) têm sido pouco exploradas.

Isso chama a atenção quando constatamos que o estudo sistemático da materialidade “não indígena” na região Norte teve início somente na década de 1980, sendo que a maioria das pesquisas são desenvolvidas nos grandes centros urbanos de Belém, Manaus, Macapá e Porto Velho, e circunscritos a contextos de fortificações militares, missões religiosas e arquitetura colonial (COSTA, 2017; GOMES, 2023; LIMA, 2010; ZANETTINI; NEVES; GONZÁLEZ, 2002), sem contudo se estender a cidades no interior da Amazônia, as quais mantinham estreitas relações de comércio com os grandes centros urbanos por onde fluíam produtos das florestas e toda sorte de produtos manufaturados na Europa, América do Norte, Ásia, Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil (Mapa 1) (BATES, 1979; SPIX; MARTIUS, 1981).

Mapa 1. Rotas de mercadorias importadas e nacionais que afluíam para a calha do rio Amazonas entre os séculos XVIII e XIX.



Fonte: Elaboração nossa a partir de Ouverney (2021). Mapa: Rafael Monteiro.

A INFLUÊNCIA DA BELLE ÉPOQUE NAS CIDADES DO INTERIOR DA AMAZÔNIA E A INVISIBILIDADE DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Entre 1870 e 1922, o continente sul-americano e a região amazônica passaram por mudanças profundas nos campos da cultura, artes e arquitetura, sendo fortemente influenciados pelo impressionismo e art nouveau europeus durante a Belle Époque, identificada com as práticas culturais aristocráticas do eixo Paris-Londres (GUIMARÃES, 2013).

A versão brasileira do movimento ficou conhecida como uma Belle Époque Tropical, e surge com a derrocada da monarquia e a gênese do regime republicano, alcançando seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX (GUIMARÃES, 2013), coincidido com a expansão da economia gomífera, que gerou, para a região Norte, grande crescimento demográfico e econômico e alta concentração de renda, produzindo os discursos da cientificidade e do conhecimento em franca oposição aos saberes locais, enredando complexa trama de significados, devires e agências, tendo como principais centros de convergência as relações culturais, sociais, mentais e políticas (COELHO, 2011; DAOU, 2000; LIMA, 2010).

Houve inclusive várias tentativas de apagamento forçado do conhecimento tradicional, como no campo da saúde. Na capital do Amazonas, “os manauaras estavam proibidos de manipular quaisquer medicamentos por conta própria, podendo ser enquadrados em prática ilegal de medicina, com multa e prisão” (SAMPAIO, 2016 *apud* MEDEIROS, 2022, p. 418).

Toda a pessoa que se intitular Pajé, ou, que a pretexto de tirar feitiços, se introduzir em qualquer casa, ou receber na sua alguém para simular curas por meios supersticiosos, e bebidas desconhecidas, [...] incorrerá na multa, assim como o dono da casa, [...] ou oito dias de prisão, em qualquer dos casos (SAMPAIO, 2016, p. 19-22 *apud* MEDEIROS, 2022, p. 418).

Belém e Manaus, os dois principais centros urbanos da região Norte, foram saturados por toda sorte de produtos manufaturados da Europa e América do Norte, que alimentavam as redes de comércio com as cidades e colocações interioranas (MEDEIROS, 2022), afetadas com a derrocada da produção gomífera diante das plantações na Ásia, passando por severa estagnação econômica (MUNIZ, 2020), cujos reflexos ainda persistem na atualidade amazônica.

Assim como as metrópoles amazônicas Belém e Manaus, a cidade de Tefé, localizada na região do Médio Rio Solimões, não era uma ilha de isolamento sociocultural na Amazônia do século XIX, incorporando mudanças socioeconômicas e culturais, inicialmente favorecidas pela abertura do rio Amazonas à navegação estrangeira em 1867 e aumentadas no período da borracha por meio de sucursais de casas de comércio nacionais e estrangeiras,² bem como pela chegada regular de bens de consumo industrializados oriundos da Europa (BATES, 1979; LOUREIRO, 2007; SANTOS, 2016; SPIX; MARTIUS, 1981).

² “Ega é o empório comercial da parte Alto Solimões e de todos os seus afluentes. Negociantes ingleses e brasileiros do Pará estabeleceram sucursais aqui para a venda de mercadorias europeias e para comprar, em primeira mão, os produtos locais. Encontram-se aqui as mercadorias de maior procura: estampados e tecidos de algodão riscados, alguma seda, chapéus, lenços, panos, artigos de ferro, aço, latão e cobre, louça de pó de pedra, vidros, porcelanas, vinho, aguardente etc.” (SPIX; MARTIUS, 1981, p. 180).

OS CONTEXTOS HISTÓRICOS DE TEFÉ

O município de Tefé (Figura 1), com uma área de 23.692,22 km², está situado na região Norte do país, no Amazonas, a 520 km da capital, Manaus. Com uma localização geográfica peculiar, só pode ser acessado por meio fluvial ou aéreo. De acordo com os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sua população urbana e rural em 2022 foi estimada em 73.669 habitantes, com uma densidade populacional de 3,11 hab./km².

Figura 1. Vista panorâmica de Tefé, na qual é possível visualizar o sítio Centro e suas áreas de intervenções arqueológicas.



Foto: João Paulo Borges.

Aspectos geográficos e etnográficos do médio rio Solimões passaram a ser conhecidos a partir de 1538, com as primeiras expedições oficiais oriundas dos esforços espanhóis de conhecer e implantar núcleos de colonização na região. Diogo Nunes, mameluco português a serviço da Espanha, foi o responsável pelos primeiros informes sobre a diversidade sociocultural, demografia, redes de estradas, redes sociabilidades de curto, médio e longo alcance, alimentação, utilização dos recursos naturais e movimentos migratórios indígenas oriundos da costa do Brasil em direção ao Peru (DRUMOND, 1950; GANDAVO, 2008).

Em 1542, Francisco de Orellana conheceu as terras dos Machiparo. Entretanto, encontrou resistência e sua embarcação foi atacada (HEMMING, 2007). Os espanhóis descrevem que, “quanto mais longe íamos, melhor e mais densamente povoados achávamos aquelas terras” (MEDINA, 1894 *apud* HEMMING, 2007, p. 283). Um século depois, Pedro Teixeira, a serviço da Coroa portuguesa, realizou expedição pelo rio Amazonas acima, partindo de Gurupá em outubro de 1637, em direção a Quito. A expedição de Teixeira marcou o início da expansão portuguesa pelo território, então pertencente à Espanha, tendo em vista que a União Ibérica estava em processo de dissolução, acirrando-se as disputas territoriais no Médio e Alto Cursos do Rio Solimões (SANTOS, 2016).

Em meados do século XVII, o projeto espanhol de colonização tomou forma nas missões jesuíticas no Alto e Médio Solimões, fundadas por Samuel Fritz entre os anos 1689 e 1691, marcando a presença da coroa espanhola na região. Depois, as missões foram empurradas de modo sistemático rio acima pelo avanço português e substituídas

pelas de missionários carmelitas portugueses (SANTOS, 2016). As missões fundadas por Samuel Fritz sobre as antigas aldeias indígenas originaram muitos dos atuais municípios do rio Solimões, entre os quais, Tefé (FRITZ, 2006).

LUTA E RESISTÊNCIA PERANTE A INVASÃO COLONIALISTA

Invisibilizado pela narrativa eurocêntrica dos invasores ibéricos na calha do rio Solimões, instaurou-se um longo processo de lutas e resistências dos povos indígenas, submetidos a processos violentos de aldeamento forçado, escravidão e imposição cultural por parte do colonizador. Ainda no século XVII, os portugueses instalaram depósitos humanos, conhecidos como “empórios ou armazém geral dos nativos” (MARCOY, 2006, p. 108), locais onde ficavam aprisionados indígenas destinados à venda. Eles eram “confinados sem distinção de etnias, idade ou sexo, esperavam, morrendo como moscas, até que seus destinos fossem decididos” (MARCOY, 2006, p. 108).

Essa vergonhosa realidade foi observada por Bates (1979), que identificou em Ega³ uma média de dezesseis povos diferentes submetidos à escravidão. As crianças foram as mais afetadas pela alta taxa de mortalidade ao chegar em Ega. Embora o tráfico de indígenas fosse proibido por lei, sua prática era aceita pelas autoridades locais, elas próprias utilizando escravos como criados domésticos. Além da mortandade pelo tráfico humano, muitos povos foram extintos pela exposição a doenças adquiridas durante o contato e/ou pelo massacre das aldeias (BATES, 1979).

De acordo com Santos (2016), os poderes da Igreja e do Estado foram os principais responsáveis pela modificação e reocupação do território e a implantação da Vila de Ega. Segundo a autora, os acontecimentos em Ega não foram “obra do acaso”, mas do estabelecimento de um local “escolhido por ser central e representar a equidistância em relação ao Vale do Rio Negro, onde se localizava a Vila da Barra, mais tarde Manaus, e a fronteira oeste em Tabatinga” (SANTOS, 2016, p. 8).

Além disso, Ega, depois Tefé, adquire o título de entreposto comercial, ganhando vasto domínio territorial, fortalecido pela abertura da navegação a vapor na Amazônia, em 1853, e a abertura de sucursais de casas comerciais, gerando melhorias de infraestrutura e logística, contribuindo para que a vila se tornasse cidade em 1855. Com isso, a urbanidade se expandiu, dando lugar a novas ruas e construções, as quais receberam o aparelho administrativo transferido de Manaus (SANTOS, 2016).

À época, a grande procura pela borracha aumentou novamente a demanda de mão de obra nos seringais, suprida por populações indígenas e depois substituída por levas de retirantes do Nordeste do país. Esses migrantes buscavam melhoria de vida por meio de trabalho na extração do látex. Todavia, as promessas de enriquecimento através daquele tipo de serviço era um engodo. Segundo Marinho (2013), “os seringueiros escravizados, vivendo na pobreza, na miséria, consumidos pela fome e pelas doenças, iam sendo dizimados sem que alguém se preocupasse com eles” (MARINHO, 2013, p. 17). Enquanto isso, “os barões da borracha saciavam a sede dos seus cavalos em baldes de prata cheios de champagne francesa gelada” (CARNEIRO; CARLI, 2008, p. 3).

A trapaça, a violência e o sistema de aviamento foram as formas eficazes utilizadas por seringalistas e caucheiros para garantir o recrutamento e a permanência forçada de

³ “Na época da colonização portuguesa na Amazônia, o governo pombalino, por meio da Carta Régia, mandava substituir o nome das povoações locais para nomes de vilas portuguesas. Assim, o nome Aldeia de Tefé foi substituído para Vila de Ega (SANTOS, 2016, p. 13).

indígenas e nordestinos nas frentes de exploração da borracha (TAMANHAHA, 2019), resultando na desarticulação e apagamento de populações indígenas e a exploração de retirantes nordestinos na região do Médio Solimões e em Tefé, presos ao aviamento, no qual o trabalhador nunca saldava sua dívida com os patrões (ALENCAR, 2009).

CONTEXTO ARQUEOLÓGICO DAS PESQUISAS NA REGIÃO DO MÉDIO SOLIMÕES

Desde a década de 1930, trabalhos de cunho exploratório ocorreram na região do lago Tefé (FERIZ, 1963; HANKE, 1959; MARCATO, 1977 *apud* BELLETTI, 2015; MÉTRAUX, 1930). No entanto, essas pesquisas eram direcionadas para a presença da cultura material não perecível. A partir de 1958, Hilbert passa a desenvolver trabalhos sistemáticos de campo, com mapeamento e escavações de sítios arqueológicos, análises estilísticas dos artefatos e discussão dos dados levantados, além do estabelecimento de um panorama para a região do Médio Rio Solimões, com base nas tipologias cerâmicas evidenciadas (BELLETTI, 2015).

Tendo como base os trabalhos de Hilbert, outras pesquisas foram desenvolvidas na região, expandindo o conhecimento no campo com a contribuição de pesquisadores e pesquisadoras que atuaram, e atuam, nas regiões dos lagos Amanã (COSTA, 2008, 2012; FURQUIM, 2015; GOMES, 2015; LIMA, 2016), Tefé (BELLETTI, 2015; HILBERT, 1968), Caiambé (LOPES, 2018a; TAMANHAHA, 2015) e na área urbana e na Floresta Nacional de Tefé (AMARAL, 2018b; CASSINO, 2018; LOPES, 2018b). As pesquisas extensivas registraram cerca de 350 sítios arqueológicos em áreas de várzea, terra firme e mista, e estabeleceram uma cronologia preliminar através de datações radiocarbônicas.

No Médio Rio Solimões, os vestígios arqueológicos mais antigos são datados entre 1610 a.C. e 930 a.C., e estão associados à fase Amanã, identificada em escavações no sítio Boa Esperança, na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA). Os fragmentos relacionados àquela fase estavam depositados em uma feição associada a uma ocupação posterior relacionada a cerâmicas da tradição Pocó, as quais são encontradas ao longo de vastas áreas das terras baixas amazônicas (COSTA, 2012; NEVES *et al.*, 2014).

As fases cerâmicas pré-coloniais mais tardias são representadas por cerâmicas das fases Caiambé da tradição Borda Incisa (entre 600 d.C. e 1000 d.C.) e Tefé da tradição Polícroma da Amazônia (entre 600 e 1500 d.C.) (TAMANHAHA, 2019). A alta densidade de sítios registrada em levantamentos extensivos e escavações sistemáticas corrobora os relatos históricos de que as regiões do Médio Solimões foram densamente ocupadas (CARVAJAL, 1894), tendo sua paisagem manejada e transformada ao longo do tempo por grupos humanos com padrões culturais distintos (CLEMENT *et al.*, 2015).

Além dos sítios arqueológicos pré-coloniais cerâmicos, líticos, a região dispõe de sítios multicomponenciais do período do contato com vestígios pós-1500 d.C. oriundos da implantação dos núcleos de colonização europeia e do período da borracha.

Já na área urbana de Tefé, os levantamentos de campo contaram com a participação colaborativa de moradores e moradoras da cidade, permitindo identificar cinco sítios arqueológicos: Centro, UEA, Abial, Colônia Ventura e AABB (Mapa 2) situados, respectivamente, nas áreas central e periférica da cidade.⁴

⁴ A travessia para esses sítios é realizada por “canoas regionais dotadas de motor rabeta (motor de HP)”, conduzidas por uma pessoa conhecida regionalmente com catraieira (GUIMARÃES *et al.*, 2020, p.31).

Mapa 2. Localização dos sítios arqueológicos identificados em Tefé.

Os sítios Colônia Ventura e Abial, localizados em bairros homônimos, são apartados da cidade pelas águas do lago Tefé e do igarapé Xidarini.

Mapa: Márcio Francisco.

PRÁTICAS ARQUEOLÓGICAS E GESTÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL: ARQUEOLOGIA URBANA NA CIDADE DE TEFÉ

O subtítulo que nomeia o projeto nasceu em 2015 através de uma iniciativa do grupo de pesquisa em Arqueologia e Gestão do Patrimônio Cultural da Amazônia do Laboratório de Arqueologia do Instituto Mamirauá. Nele, constatou-se que o grande foco de pesquisas estava voltado para os contextos pré-coloniais, bem como a necessidade de registrar a cultura material ameaçada pela expansão urbana — que alterna entre a construção, destruição e desfiguração de edificações — e as camadas arqueológicas, tendo como consequências a “perda” do patrimônio acerca da história da cidade e de seus habitantes. (TOCCHETTO; THIESEN, 2007). De acordo com Souza (2013), “o patrimônio arqueológico urbano corre grandes riscos [diante da] efervescência das transformações físicas pelas quais passam as cidades” (SOUZA, 2013, p. 136).

No final de 2019, os trabalhos de pesquisa foram retomados no âmbito do projeto *Práticas arqueológicas e gestão do patrimônio cultural: arqueologia na cidade de Tefé*, no qual se contemplou trabalhos extensivos e sistemáticos no centro e na periferia da cidade, buscando compreender sua cultura material pretérita.

A prática da pesquisa arqueológica em ambientes urbanos é desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante. Nela, trabalhamos em meio ao burburinho do trânsito, com o barulho de motos, carros e a interação com os moradores locais e de comunidades tradicionais que afluem à cidade, uma dinâmica distinta da que se observa em comunidades ou na floresta.

Nossos estudos se inserem no campo da arqueologia urbana, a qual apresenta uma definição não consensual, mas, de modo geral, “considera o estudo das relações entre cultura material, cognição em ambiente urbano e comportamento humano” (STASKI, 1999; TOCCHETTO; THIESEN, 2007). Ela pode ser desenvolvida, segundo alguns autores,

como arqueologia *da e na* cidade. Na arqueologia *da* cidade, “os sítios são considerados isoladamente, sendo a cidade apreciada como ambiente no qual estão inseridos, enlaçando, além dos sítios de ocupações históricas, os de pré-histórica” (TOCCHETTO; THIESEN, 2007, p. 178). Na arqueologia *na* cidade, “a cidade passa a ser considerada ambiente e objeto de pesquisa onde as manifestações arqueológicas são tratadas como componentes de um sistema amplo e integrado” (TOCCHETTO; THIESEN, 2007, p. 178).

Com aprofundamento teórico e a escrita do livro *Living in City Today* (2008), de Edward Staski, foi possível pensar a arqueologia urbana desenvolvida *para* a cidade (TESSARO, 2013) nos contextos das pesquisas brasileiras, sobretudo as desenvolvidas em São Paulo por Souza (2010) e Tessaro (2013), os quais tiveram como base os trabalhos de Andreatta, iniciados no final dos anos 1970, precursora desse campo de estudo na metrópole paulistana,⁵ e foram continuados por Juliani (1996) e Zanettini (2005), entre outros. (SOUZA, 2014b; TESSARO, 2022). Segundo Souza (2014a), a arqueologia urbana PARA a cidade tem como principal foco apontar dados e trazer memórias silenciadas e desconhecidas pelos moradores.

A partir do século XXI, os conceitos arqueológicos amadureceram, permitindo com que a arqueologia passasse a ser pensada *com* a cidade, trazendo questões relacionadas a um diálogo com os habitantes, uma vez que as pessoas vivem na cidade e são as maiores conhecedoras daquele ambiente (SOUZA, 2014b).

Segundo Tessaro (2022), esse novo conceito surgiu a partir da arqueologia urbana desenvolvida em São Paulo, que extrapolou conceitos previamente estabelecidos para essa temática na qual a arqueologia *na, da e para* a cidade ao agregar e extrapolar “aspectos que se aproximam da arqueologia pública, sintetizados na ideia de uma arqueologia *com* a cidade” (TESSARO, 2022, p. 1).

Além das pesquisas realizadas no sudeste do país, destacam-se os trabalhos iniciais desenvolvidos no Norte em contextos urbanos: Lopes (2013), Marques e Malheiro ([20--?]), Corrêa (2007), Corrêa e Iribarrem (2009), Martiniano e Filippini (2006), estão entre os principais autores que escreveram a respeito (COSTA, 2014). Destacam-se também Lima e Moraes (2010) e Costa (2014), que objetivavam melhor compreender as transformações da cidade através do modo de vida de grupos humanos no passado e presente.

Todas essas pesquisas serviram de base e contribuíram para uma melhor compreensão das transformações culturais ocorridas na cidade de Tefé. Embora almejamos construir uma arqueologia *com* a cidade, entendemos que, até o presente, se desenvolveu uma arqueologia *na, da e para* a cidade, em um projeto em andamento que foi afetado pelas restrições da pandemia da covid-19. Os altos índices de contaminação em Tefé resultaram na suspensão de todas as atividades de campo na cidade e nas reservas de desenvolvimento sustentável, impossibilitando prosseguir com os trabalhos de campo.

As intervenções realizadas no sítio arqueológico Centro e as observações acerca da paisagem, bem como a análise da cultura material em laboratório, possibilitou inferir a respeito das dinâmicas de transformações socioculturais pelas quais a cidade vem passando, em especial pela materialidade arquitetônica e pelos produtos manufaturado em

⁵ Tocchetto faz um panorama da arqueologia urbana no Brasil enfatizando que as pesquisas arqueológicas desenvolvidas em contextos urbanos “remonta à década de 1960, quando ocorre a primeira restauração de um monumento histórico — a igreja quinhentista de Nossa Senhora da Graça, em Olinda” (TOCCHETTO; THIESEN, 2007, p. 180).

outras partes do Brasil e no estrangeiro, diagnósticos do período da borracha, um marco das transformações culturais naquele município, com reflexos até os dias atuais.

CONTEXTOS ARQUEOLÓGICOS NOS PERÍMETROS URBANOS DE TEFÉ: SÍTIO CENTRO

Localizado na parte histórica de Tefé, o sítio Centro foi o marco inicial da fundação e colonização ibérica no Médio Amazonas, em 1718 (SANTOS, 2016). Essa área forma uma pequena península, com leve declive em direção ao Norte, encaixada entre a margem direita do lago Tefé e a margem esquerda do igarapé Xidarini.

É importante salientar que, além das edificações em terra firme, a urbanização fluvial de palafitas e casas flutuantes é uma realidade nas moradias amazônicas de hoje, inclusive em Tefé, onde a área do sítio Centro margeia todo o lago em volta da cidade, composto por casas flutuantes distribuídas em seu entorno⁶ (HOLANDA; AMARAL; TAMANAHA, 2022).

Partes da orla são ocupadas por construções de palafitas, que, no inverno amazônico (entre novembro e maio) ficam com água “na porta”. Desse modo, as construções são acessadas através do meio hídrico.

A dinâmica dos rios é de grande relevância para a cidade e para o ordenamento do cotidiano das populações amazônicas em Tefé (Figura 2). Assim, além de uma arqueologia do asfalto, temos uma “arqueologia das águas”. Das águas que vêm e vão, levam e trazem pessoas e objetos, das águas que cobrem e descobrem os artefatos arqueológicos, que isolam e socializam pessoas através das redes de trocas de médio e longo alcance, desde o período pré-invasão. Águas que conectam natureza, humanos e não humanos.

Figura 2. Vista panorâmica das lixeiras submersas no retângulo e barcos aportados em cima do sítio Centro com fragmentos de vidros e grés descobertos pelas águas do rio.



A dinâmica dos rios é fundamental para o ordenamento da cidade e do cotidiano das populações Amazônicas. É pelo rio que vão e vêm pessoas, que chegam mantimentos, materiais de construção etc.

É sobre o rio que as pessoas vivem em casas flutuantes; é sobre o rio que as pessoas aportam em canoas e ficam literalmente em cima do sítio Centro no período da cheia.

Fotos: João Paulo Borges e Geórgia Holanda.

⁶ “Na capital Manaus, entre as décadas de [1920 e 1960] [...], as ‘áreas de casas flutuantes se [expandiram] consideravelmente, chegando a ter uma “cidade flutuante” com cerca de 2 mil casas e [11,5 mil] habitantes, tendo como causas a crise econômica, causada pelo fim do monopólio da borracha, ausência de políticas públicas, miséria e fome entre a população mais pobre, formada por ribeirinhos e um contingente de nordestinos, atraídos para trabalhar nos seringais” (A “EXÓTICA”..., 1963).

Os trabalhos de campo foram concentrados no sítio Centro e realizadas intervenções em três áreas distintas. A primeira, denominada área das mangueiras, onde varreduras de superfície registraram três grandes lixeiras domésticas posicionadas às margens do lago, contendo cultura material do período pré-colonial e pós-colonial.

Uma segunda intervenção no sítio Centro consistiu na realização de malhas de tradagens na área do seminário São José (Figura 3), fornecendo leituras do pacote arqueológico e sobreposição de camadas, formadas por material construtivo movido de outros locais — incluso lâminas de terra preta contendo em associação objetos metálicos, ossos queimados de prováveis mamíferos e quelônios, quantidades de carvões grandes, louças, cacos de garrafas de vinho, cerâmica histórica, restos de construções, cacos de telhas e tijolos (Gráfico 1).

Figura 3. Vista panorâmica do seminário São José com sinalização da área na qual ocorreu vinte tradagens.



Foto: João Paulo Borges.

Gráfico 1. Profundidade do material arqueológico (153 fragmentos) identificado durante as tradagens.

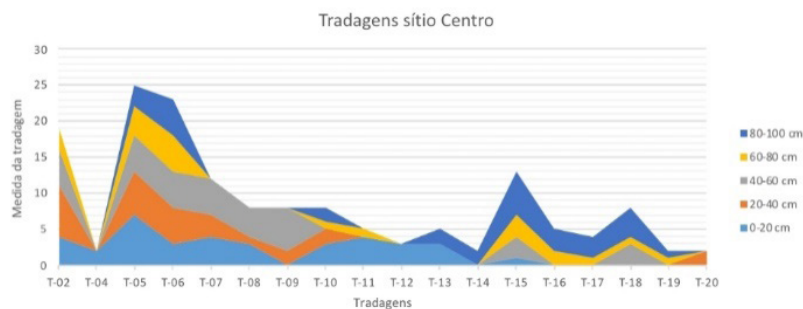


Gráfico: Heloisa Correa.

Em outro ponto localizado em uma antiga praça (Figura 4), o acompanhamento de trabalhos de escavações conduzidos pela municipalidade, resultou no registro de estruturas do tipo calçadas e calçamentos de ruas utilizando tijolos. O pacote arqueológico é formado por uma espessa camada de terra preta arqueológica, contendo material histórico nos níveis superiores e pré-colonial nos inferiores. Segundo Tocchetto e Thiesen (2007), uma arqueologia da cidade possibilita recuperar os “arquivos que encerram [...] a história numa perspectiva relacional entre os espaços, os monumentos e os vestígios quase invisíveis, ocultos”.

Figura 4. Perfil estratigráfico em escavações realizadas no sítio Centro com material histórico nos níveis superiores, tendo, nos inferiores (80 cm), cultural material de cerâmicas da tradição Polícroma da Amazônia.



Fotos: Geórgia Holanda.

AS RICAS LIXEIRAS DO SÍTIO CENTRO

Foram identificadas três grandes lixeiras domésticas de períodos distintos sob as areias do lago Tefé, próximas à base de um pequeno barranco denominado *mangueiras*. Trata-se de uma área suscetível ao pulso das águas e nas quais as lixeiras ficam seis meses do ano submersas durante a seca, expostas a toda sorte de processos tafonômicos causados por intempéries, pisoteamentos, capinação etc. (Figura 5).

Figura 5. Vista panorâmica das lixeiras domésticas localizadas nas margens do lago Tefé com canoas ancoradas no período da cheia sobre o sítio arqueológico durante evento cultural.



Foto: João Paulo Borges.

Invisíveis para as centenas de transeuntes que frequentam diariamente o passeio público, ou visitantes do interior que ancoram suas pequenas embarcações sobre elas,

as lixeiras domésticas são cápsulas do tempo que nos tem fornecido um volume considerável de informações sobre uso e os costumes da elite tefeense dos séculos XIX e XIX.

O universo artefactual (Figura 6) recuperado em superfície nas lixeiras na área das mangueiras, é composto por uma grande variedade de artefatos procedentes do sudeste do Brasil, importados da Europa, América do Norte, cerâmicas produzidas localmente e remanescentes de alimentos preservados. Entre os utensílios recuperados no sítio Centro, destacam-se os frascos de medicamentos, bebidas diversas, cristais, faianças, grés, porcelanas, objetos de ferro, cobre, bronze, moedas do século XIX, associados a cerâmicas históricas, carvões e remanescentes ósseos de quelônios (*Podocnemis expansa*), peixes, mamíferos, aves prováveis e sementes carbonizadas de açaí (*Euterpe precatoria*) parcialmente analisados e identificados em laboratório.

Figura 6. Artefatos recuperados em superfície nas lixeiras: louças, vidros, ossos, carvão e cerâmica histórica.



Fotos: Márcio Amaral.

A presença de brasões (Figura 7) e marcas⁷ nos utensílios de vidro, grés e louças, contribuiu para identificar a procedência e o período em que foram produzidos. Além disso, foram realizados trabalhos de curadoria, restauração e reconstituição de formas, da função de garrafas e louças e a constatação de seu uso em contextos domésticos, ou em ocasiões especiais, como comemorações. Parte do acervo é formado por louças utilitárias com formas simples e pouco decoradas.

⁷ O selo da marca J. Etienne Ftls., Rue Paradis, 29, Paris, com coloração vermelha, foi retirado de imagem da internet para melhor visualização do selo original, que está ao lado.

Figura 7. Selos impressos nos fragmentos de louças e porcelanas.

Fotos: Geórgia Holanda

Marcas: Royal Patent; George Jones and Son England; Baker; J. Etienne Ftls., Rue Paradis, 29, Paris; Petrus Regout and C., Maastricht, Holland.

A diversidade da materialidade registrada na área histórica de Tefé assinala mudanças e continuidades no cotidiano doméstico de famílias abastadas na segunda metade do século XIX e parte do século XX, com o uso concomitante de grés, vidro (Figura 8), faianças e porcelanas produzidas na Europa e cerâmicas históricas produzidas localmente. A pesquisa bibliográfica forneceu evidências para a aplicação de estudo comparado do material recuperado nas lixeiras, com as descrições feitas por naturalistas no século XIX (BATES, 1979; SPIX; MARTIUS, 1981). Nelas, constam que comerciantes, patrões da borracha e de outros produtos da floresta utilizavam artigos de luxo de origem europeia e de grandes e médios utensílios de cerâmicas temperadas com caraipé, provavelmente utilizados para a cocção de alimentos e fragmentos cerâmicos de fogareiros e formas utilitárias de pequenas dimensões que apresentam paredes finas e bom acabamento, itens de uma ativa indústria oleira regional que se mantém até hoje.

Figura 8. Coleção vítrea e de grés do sítio Centro.

Fotos: Geórgia Holanda.

Marcas: Henry Kennedy Barrowfield Pottery, Glasgow; Wynand Fockink, Amsterdam.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A presença humana no Médio Rio Solimões remonta a pelo menos três milênios (COSTA, 2012), Tefé passou por várias ocupações e reocupações na longa duração. Os dados arqueológicos revelam que as ocupações pretéritas na região do Médio Solimões foram regulares e duradouras (GOMES, 2014). O oposto ocorreu no período pós-contato, no qual os povos indígenas viviam, e ainda vivem, sob ameaças constantes.

No presente, a crise sanitária provocada pela pandemia da covid-19 ceifou a vida de muitos guardiões do conhecimento indígenas, grandes historiadores e bibliotecas vivas das aldeias, responsáveis por passar seus saberes aos mais jovens (MUNDURUKU, 2019). As interfaces entre arqueólogos e arqueólogas e o conhecimento ancestral poderiam ir além do passado pré-colonial, produzindo novos saberes, rompendo “amarras cronológicas” do que se pensava como “arqueológico”, inserindo outros sujeitos silenciados, passando desse modo a focar em contextos do século XVI até a atualidade (SOUZA, 2014b).

O emprego de pressupostos teóricos metodológicos da arqueologia histórica é de grande relevância para o estudo em áreas urbanas por possibilitar o trabalho com múltiplas fontes — entre elas, documentos escritos, arquitetura, imagens pictóricas e fontes orais — por meio de conversas com moradores da cidade (ORSER, 2016). Inclusive, a arqueologia desenvolvida em contextos urbanos foi gerida dentro desse campo de trabalho. Reforçamos que a arqueologia urbana derivou da arqueologia histórica e que grande parte dos sítios históricos estão inseridos em contextos urbanos, estratigraficamente posicionados sobre contextos pré-coloniais nas cidades amazônicas, inclusive em Tefé (STASKI, 2008; TESSARO, 2022).

As cidades cotidianamente produzem textos por meio de documentos escritos, mapas, arquitetura (planta baixa e estruturas), informações orais, recursos imagéticos etc. (ORSER, 1992). A cidade constrói memórias perenizadas nos estilos arquitetônicos presentes sobre suas ruas e abaixo delas, bem como nos artefatos que circulam entre pessoas e nas mercadorias que abastecem determinados públicos. Nesse sentido, a cultura material pode ser lida e interpretada por cumprir o papel de um texto e envolver diversos agentes sociais que provocam mudanças, ou transformações, na sociedade em que vivem (HODDER, 1991).

Tefé, assim como os grandes centros do norte do país, no século XIX e início do XX, ainda que em menor escala, se destacou por viver os mesmos ciclos de exploração econômica, migrações e trocas culturais (HOLANDA *et al.*, 2023), tendo como contexto a exploração dos recursos naturais da floresta, a qual serviu como base para que comerciantes portugueses, e depois brasileiros e ingleses, desenvolvesse suas atividades mercantis na Vila de Ega, fomentando o comércio regional, negociando produtos manufaturado na Europa e comprando, ou trocando, por produtos de origem florestal e animal oriundos dos rios Japurá, Içá, Jutai e Javari (SPIX; MARTIUS, 1981).

As análises laboratoriais da cultura material importada e de cerâmicas produzidas localmente apontam para continuidades e mudanças de práticas culturais de longa duração em Tefé e região. Em um mesmo contexto, temos como exemplo o descarte e a presença de prataria fina associada a panelas, tigelas, pratos e fogareiros que guardam relação estilística com tipos cerâmicos do período pré-colonial. São utensílios cerâmicos produzidos sob encomenda e que transitam nas redes de troca ainda ativas entre as comunidades locais, com o excedente comercializado em Juruá, Japurá, Jutai e Tefé (AMARAL, 2020).

No entanto, questiona-se: Quem teria tido acesso a essa materialidade importada e qual o significado e a relevância desses objetos no cotidiano das pessoas em Tefé no século XIX? Por que, na mesma lixeira, há cerâmicas históricas produzidas localmente?

São evidências de usos e costumes que possibilitaram inferências a respeito de padrões alimentares de origem pré-colonial preparadas em utensílios de cerâmica, os quais se mantiveram entre a “elite tefeense” que se utilizava de prataria importada para tomar as refeições, acompanhadas de bebidas importadas, configurando aspectos de continuidade e/ou mudança nas escolhas culturais e costumes ancestrais, reproduzidos de forma inconsciente no cotidiano da população tefeense atual. Em razão disso, é provável que os pratos e as canecas produzidas localmente fossem utilizadas por agregados e afilhados das famílias “ricas” de Tefé?

Por fim as pesquisas arqueológicas desenvolvidas na região do Médio Curso do Rio Solimões e projetos contemplando como o de arqueologia urbana são o primeiro passo para o estabelecimento de correlações com outras regiões da Amazônia e para a reescrita da história local e da rica herança cultural do município de Tefé. Desse modo, almejamos despertar um sentimento de pertencimento e uma nova apropriação da cultura material, tirando do esquecimento os cacos, pedras e tijolos que necessitam de interlocutores para receberem voz e serem novamente incorporados ao cotidiano tefeense.

Assim, serão produzidos novos contextos e novas narrativas, de dentro para fora, com um sentido de pertencimento dado a essa materialidade e com o propósito de preservá-la e protegê-la para os que virão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias

A “EXÓTICA” cidade flutuante de Manaus. *O Cruzeiro; Manchete*, Rio de Janeiro, n. 133, 8 jun. 1963.

CARNEIRO, Eduardo; CARLI, Egina. O primeiro ciclo da borracha. *Scribd*, Rio Branco, 29 jul. 2008. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/4245301/primeirociclodaborracha>. Acesso em: 1 set. 2023.

CSSEGISANDDATA/COVID-19. *GitHub*, San Francisco (US), 9 fev. 2020. Disponível em: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>. Acesso em: 28 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidade e estados. *IBGE*, Rio de Janeiro, 19 jan. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados>. Acesso em: 19 jun. 2022.

INSTITUTO DURANGO DUARTE. A “exótica” cidade flutuante de Manaus. *ArchDaily*, Brasil, 11 set. 2022. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/987670/a-exotica-cidade-flutuante-de-manaus>; <https://idd.org.br/reportagens/exotica-cidade-flutuante-de-manaus2/>. Acesso em: 28 ago. 2023.

J. ETIENNE, Rue Paradis, 29, Paris: Nine Porcelain Plates: Marked. *Etsy*, [s. l.], 10 jul. 2023. Disponível em: <https://www.etsy.com/listing/1151761792/j-etienne-rue-paradis-29-paris-nine>. Acesso em: 28 ago. 2023.

LOUREIRO. Antonio José Souto. História da navegação na Amazônia. *Navios e Portos*, Manaus, 2007. Disponível em: <https://navioseportos.com.br/br/index.php/historia/a-navegacao-na-amazonia/144-historia-da-navegacao-na-amazonia>. Acesso em: 25 jun. 2022.

Fontes secundárias

- ACUÑA, C. *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas*. Madrid: [s. n.], 1941.
- ALENCAR, Edna. O tempo dos padrões “brabos”: fragmentos da história da ocupação humana na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã/AM. *Amazônica: Revista de Antropologia*, v. 1, p. 178-199, 2009.
- AMARAL, Anderson Márcio. Arqueologia e simbologia na região do baixo rio Juruá. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PESQUISA DO DOUTORADO INTERINSTITUCIONAL EM EDUCAÇÃO-UERJ/UEA; CICLO NACIONAL DE DEBATES INTERDISCIPLINARES CEST/UEA; SEMINÁRIO EDUCA; SEMANA DA PEDAGOGIA; MOSTRA DA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA DE TEFÉ E PIBID-CEST-UEA, 2020, Tefé. *Anais [...]*. Tefé: UEA, 2020. p. 1-9.
- AMARAL, M. A ecologia de assentamentos, interações sociais ameríndias e o contexto geográfico dos muraquitãs no Baixo Amazonas. *Cadernos do Lepaarq*, v. 15, n. 30, p. 121-141, 2018a. DOI: 10.15210/leparq.v15i30.13816.
- AMARAL, M. *Contextualização espacial, histórica e tecnológica dos muraquitãs amazônicos*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.
- AMARAL, M. Projeto de arqueologia urbana na cidade de Tefé: feições arqueológicas do Sítio UEA, Tefé. In: SIMPÓSIO SOBRE CONSERVAÇÃO E MANEJO PARTICIPATIVO NA AMAZÔNIA, 15., 2018, Tefé. *Livro de resumos [...]*. Tefé: IDSME, 2018b. p. 46.
- AZEVEDO, R. E. D. *Esmeraldo de situ orbis*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1892.
- BATES, Henry Walter. *Um naturalista no rio Amazonas*. Tradução Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1979.
- BELLETTI, Jaqueline da Silva. *Arqueologia do lago Tefé e a expansão policroma*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- CARVAJAL, G. *Descubrimiento del Río de las Amazonas*. Sevilla (ES): Imprenta E. Rasgos; Bustos Tavera, 1894.
- CASSINO, Mariana Franco. *Plantas, entes e gentes na Amazônia: uma abordagem interdisciplinar sobre a domesticação da paisagem da floresta*. 2018. Projeto de pós-graduação (Doutorado em Botânica) – Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica, Manaus, 2018.
- CLEMENT, Charles *et al.* The Domestication of Amazonia before European Conquest. *Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences*, v. 282, p. 1-9, 2015.
- COELHO, G. M. Na Belém da Belle Époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. *Escritos*, ano 5, n. 5, p. 141-168, 2011.
- CORRÊA, M. V. D. M. Da Capela Carmelita à Catedral Metropolitana de Manaus/AM: uma arqueologia da arquitetura. *Fragmentos de Cultura*, v. 17, p. 591-607, 2007.
- CORRÊA, M. V. D. M.; IRIBARREM, C. G. Mercado municipal Adolpho Lisboa-Manaus/AM: arqueologia e restauração. In: *XI Cidade Revelada*. Itajaí: [s. n.], 2009. p. 1-20.
- COSTA, Bernardo Lacale Silva da. Levantamento arqueológico na RDS Amanã. *Uakari*, v. 4, n. 2, p. 7-18, 2008.

- COSTA, Bernardo Lacale Silva da. *Levantamento arqueológico na reserva de desenvolvimento sustentável (RDS) Amanã/AM*. 2012. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- COSTA, Diogo Menezes. Arqueologia histórica amazônica: entre sínteses e perspectivas. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 1, p. 154-174, 2017.
- COSTA, Diogo Menezes. O urbano e a arqueologia: uma fronteira transdisciplinar. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 8, n. 2, jul./dez. 2014.
- DAOU, Ana Maria. *A Belle Époque amazonica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. (Descobrimos o Brasil).
- DRUMOND, Carlos. A carta de Diogo Nunes e a migração dos tupi-guarani para o Peru. *Revista de História*, v. 1, p. 95-102, 1950.
- FERIZ, H. The Ceramics of Tefé-Amaná: A Contribution to the Archeology of the Amazon. *Revista Ethnos*, v. 28, p. 147-176, 1963.
- FRITZ, Padre Samuel. Da descida do padre Samuel Fritz, missionário da Coroa de Castela no rio Marañon, desde São Joaquim dos Omáguas até à cidade do Grão-Pará, no ano de 1689; e volta do mesmo padre desde a dita cidade até à aldeia de Laguna, cabeça das missões de Mainas. In: PINTO, Renan Freitas (org.). Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas; Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2006.
- FURQUIM, Laura Pereira. Análise cerâmica do sítio São Miguel do Cacau: um contexto funerário no lago Amanã (RDSA-AM). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 20, p. 251-256, 2015.
- GADELHA, R. M. A. F. Conquista e ocupação da Amazônia: a fronteira norte do Brasil. *Estudos Avançados*, v. 16, n. 45, p. 63-80, 2002.
- GANDAVO, P. de M. *Tratado da Terra do Brasil: história da província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 2008. 158 p. (Edições do Senado Federal, 100).
- GOMES, Jaqueline. Arqueologia comunitária na Reserva Amanã: história, alteridade e patrimônio arqueológico. *Amazônica: Revista de Antropologia*, v. 6, p. 385-417, 2014.
- GOMES, Jaqueline. *Cronologia e mudança cultural na RDS Amanã (Amazonas): um estudo sobre a fase Caiambé da tradição Borda Incisa*. 2015. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- GOMES, Ney. A paisagem histórica da capital paraense e suas interrelações com as pessoas: e a arqueologia com isso? *Revista de Arqueologia*, v. 36, n. 2, ago. 2023.
- GUIMARÃES, Claudioney; MATTA, Betânia; HOLANDA, Geórgia; SOUZA, Maria; BARROS, Hozana; FREITAS, Sebastiana; FERNANDO, Verônica. Parteiras e seus cenários: ensaios e relatos sobre a arte de partejar. In: SCHWEICKARDT, Júlio César et al. (org.). *Parteiras tradicionais: conhecimentos compartilhados, práticas e cuidado em saúde*. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. v. 1, p. 28-44.
- GUIMARÃES, L. M. P. *Flagrantes da literatura Brasileira da Belle Époque*. Lisboa: Esfera do Caos, nov. 2013.
- HANKE, W. Archäologische Funde im oberen Amazonasgebiet. *Archiv für Völkerkunde*, v. 14, p. 31-66, 1959.
- HEMMING, John. *Ouro vermelho: a conquista dos índios brasileiros*. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp, 2007.

- HILBERT, Klaus. Uma biografia de Peter Paul Hilbert: a história de quem partiu para ver a Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 4, n. 1, p. 134-154, 2009.
- HILBERT, Peter Paul. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon*. Berlin (DE): Marburger Studien zur Volkerkund, 1968.
- HODDER, I. Interpretative Archaeology and Its Role. *American Antiquity*, v. 56, n. 1, p. 7-18, 1991. DOI: 10.2307/280968.
- HOLANDA, Geórgia; AMARAL, Márcio; TAMANAHA, Eduardo. Arqueologia na cidade de Tefé: reflexões sobre o modo de vida no lago profundo. In: SEMANA DE ARQUEOLOGIA HISTÓRICA DO MUSEU NACIONAL (SAHIST), 1., 2022, Rio de Janeiro. *Caderno de resumos [...]*. Rio de Janeiro: SAHIST, 2022. p. 22.
- HOLANDA, Geórgia; TAMANAHA, Eduardo; AMARAL, Márcio; MARTINS, Iberê. Entre vinhos e cervejas: um brinde à arqueologia!: algumas inferências sobre os vidros históricos da cidade de Tefé In: LOPES, Karine; TORRALVO, Kelly; RABELO, Rafael (org.). SIMPÓSIO SOBRE CONSERVAÇÃO E MANEJO PARTICIPATIVO NA AMAZÔNIA, 18., 2023, Tefé. *Livro de resumos [...]*. Tefé: [s. n.], 2023. p. 58-60.
- JULIANI, Lúcia de Jesus Cardoso Oliveira. *Gestão arqueológica em metrópoles: uma proposta para São Paulo*. 1996. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.
- LIMA, Helena; MORAES, Bruno. Produção de conhecimento e preservação em debate: aspectos da arqueologia na cidade de Manaus. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, v. 23, n. 1, p. 90-107, 2010.
- LIMA, Marjorie do Nascimento. *A cerâmica pocó-açutuba e seus processos correlatos na região Amazônica*. 2016. Projeto de pós-graduação (Doutorado em Arqueologia e Etnologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- LOPES, Rafael Cardoso de Almeida. *O Melhor Sítio da Terra: Colégio e Igreja dos Jesuítas e a Paisagem da Belém do Grão-Pará*. PPGA. Belém: UFPA, 2013.
- LOPES, Rafael Cardoso de Almeida. *Tradição Policroma da Amazônia no contexto do Médio Rio Solimões*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2018a.
- LOPES, Rafael Cardoso de Almeida. *A tradição Policroma da Amazônia e as transformações sócio-políticas nos lagos e rios do Médio-Alto Solimões*. 2016. Projeto de pós-graduação (Doutorado em Arqueologia e Etnologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018b.
- MARCATO, S. A Cerâmica dos Índios da Área de Tefé. *Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo*. v.1, n.3/4, p.51-70, 1977.
- MARCOY, Paul. *Viagem pelo rio Amazonas*. Tradução Antonio Porro. 2. ed. Manaus: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas, 2006.
- MARINHO, José Lino do Nascimento. *Seringueiros do Médio Solimões: fragmentos e memórias de vida e trabalho*. 2013. Dissertação (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- MARQUES, F. L. T; MALHEIRO, M. V. P. Arqueologia na área do Forte do Castelo: possibilidades de pesquisa. *Resumos Expandidos*, p. 45-47, [20--?].

- MARTINIANO, J. N; FILIPPINI, E. Praça D. Pedro II: memórias de um patrimônio. *Revista Eletrônica Aboré*, p. 1-10, 2006.
- MEDEIROS, Samuel Lucena; SANTOS, Tatiana de Lima Pedrosa. Relações sociais e de poder na Manaus da borracha através do estudo de remédios históricos. *História e Cultura*, v. 11, n. 1, p. 413-432, jul. 2022.
- MEGGERS, B. J. Environmental Limitations on the Development of Culture. *American Anthropologist*, v. 56, p. 801-824, 1954.
- MEGGERS, B. J; CLIFFORD, E. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, S. (ed.). *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*. Cambridge (US): Harvard University Press, 1954. p. 372-388.
- MÉTRAUX, A. Contribution a l'étude de l'archéologie du cours supérieur et moyen de l'Amazone. *Rev. Museo de la Plata*, v. 32, p.145-185, 1930
- MUNDURUKU, Jair Boro. *Caminhos para o passado: Oca'ô, Agôkabuk e cultura material munduruku*. 2019. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2019.
- MUNIZ, Tiago Silva Alves. Arqueologia histórica e contemporânea na Amazônia: por uma arqueologia elástica. *Cadernos do Lepaarq*, v. 27, n. 34, p. 272-289, jul./dez. 2020.
- NEVES, Eduardo Góes *et al.* A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: ROSTAIN, S. *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito (EC): IFEA, 2014. p. 137-158.
- NORDENSKIÖLD, Erland. *L'Archéologie du bassin de l'Amazone*. Paris: Les Éditions G. van Oest, 1930.
- ORSER Charles; FAGAN, Brian M. *Historical Archaeology*. 3. ed. London: Routledge, 2016.
- ORSER, C. E. *Introdução à arqueologia histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.
- OUVERNEY, Luan Sancho. *Consumo e commodities em unidades rurais fluminenses: tecendo uma narrativa através dos vidros*. 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.
- PORRO, Antônio. *As crônicas do rio Amazonas: notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis; São Paulo: Vozes; Edusp, 1996.
- REIS, A. C. F. *Limites e demarcações na Amazônia brasileira*. Belém: Secretaria do Estado da Cultura, 1993. v. 15.
- ROOSEVELT, A. C. The Development of Prehistoric Complex Societies: Amazonia: A Tropical Forest. In: BACUS, E. A.; LUCERO, L. J. (ed.). *Complex Polities in the Ancient Tropical World*. Idaho (US): Archeological Papers da American Anthropological Association, 1999. p. 13-33.
- SAMPAIO, Patrícia Melo (org.). *Posturas municipais, Amazonas (1838-1967)*. Manaus: EDUA, 2016.
- SANTOS, Sandrielle Pessoa dos. *Tempo e espaço na Amazônia colonial: da Vila de Ega à cidade de Tefé, séculos XVIII e XIX*. 2016. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.
- SOUZA, Rafael Abreu. A cidade e a arqueologia urbana. In: VASCONCELLOS, Camilo de Mello (org.). *Recursos pedagógicos no Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014a. p. 35-40.

- SOUZA, Rafael Abreu. Arqueologia na metrópole paulistana. *Habitus*, v. 12, n. 1, p. 23-44, jan./jun. 2014b.
- SOUZA, Rafael Abreu. *Louça branca para a Paulicéia: arqueologia histórica da fábrica de louças Santa Catarina, IRFM: São Paulo e a produção da faiança fina nacional (1913-1937)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arqueologia ou Etnologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SOUZA, Rafael Abreu. Pichações sob a ótica da Arqueologia Urbana. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 8, p. 135-156, dez. 2013.
- SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1819-1820)*. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo: Edusp: Itatiaia, 1981. v. 3.
- STASKI, Edward. Living in Cities Today. *Historical Archaeology*, v. 42, n. 1, p. 5-10, 2008.
- STASKI, Edward. Living in Cities: An Introduction. *Historical Archaeology*, n. 5, p. 9-11, 1999.
- TAMANAH, Eduardo Kazuo *et al.* Levantamento de sítios arqueológicos nos lagos Justiça e Caiambé, município de Tefé/AM. *Caderno do Lepaarq: Laboratório de Arqueologia e Antropologia da UFPel*, v. 12, n. 23, p. 190-221, 2015.
- TAMANAH, Eduardo Kazuo. Diálogos e práticas arqueológicas. In: NASCIMENTO, Ana Claudeise Silva do *et al.* (org.). *Sociobiodiversidade da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (1998-2018): vinte anos de pesquisas*. Tefé: IDSM, 2019. p. 156-170.
- TESSARO, Piero Alessandro Bohn. A garrafa que deixou de ser. *Revista de Arqueologia*, v. 26, n. 2, p. 201-216, 2013. DOI: 10.24885/sab.v26i2.389. Disponível em: <https://revista.sabnet.org/ojs/index.php/sab/article/view/389>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- TESSARO, Piero A. B. Arqueologia com a cidade: um movimento através da arqueologia no contexto urbano de São Paulo/SP. *Revista de Arqueologia Pública*, v. 17, p. 1-18, 2022.
- TOCCHETTO, Fernanda; THIESEN, Beatriz. A memória fora de nós: a preservação do patrimônio arqueológico em áreas urbanas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 33, p. 174-199, 2007.
- ZANETTINI, P. E.; NEVES, E. G.; GONZÁLEZ, É. M. R. *Projeto Arqueourbs (Fase I): arqueologia urbana no centro histórico de manaus: forte São José da Barra do Rio Negro e Adjacências. Caderno Técnico in Arqueourbs: Arqueologia Urbana: Manaus*. Amazonas: IPHAN, 2002. Relatório final não publicado. Acervo da Superintendência do IPHAN.
- ZANETTINI, Paulo E. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico da Casa Bandeirista*. 2005. Tese (Doutorado em Arqueologia e Etnologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.